

## **Arte Contemporânea, Sistemas Vivos e Ativismos Ambiental** *Contemporary Art, Living Systems and Environmental Activism*

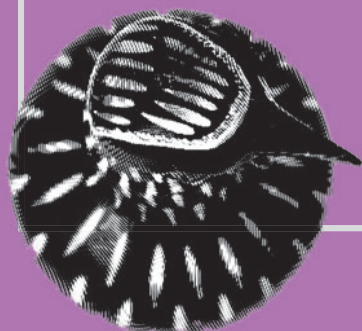
Marina Murta Serra Maia  
murta.mar@gmail.com  
Sabrina Fernandes Melo  
sabrina.melo@academico.ufpb.br

**Resumo:** O artigo realiza interseções entre arte contemporânea, sistemas vivos e ativismo ambiental a partir de trabalhos de Emerson Munduruku, Carolina Caycedo, Margarita Rodriguez Weweli-Lukana e Juma Gitirana Tapuya Marruá, artistas que em suas poéticas navegam por reflexões relacionadas às lutas socioambientais e encontram na água o ponto central para suas poéticas. Como suporte teórico, o artigo tece diálogos entre arte contemporânea, meio ambiente e água como "recurso natural" a partir de autores como Porto-Gonçalves (2020) Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019), Nicholas Mirzoeff (2016) entre outros.

Palavras-chave: arte contemporânea, sistemas vivos, ativismos ambientais.

**Abstract:** *The article makes intersections between contemporary art, living systems and environmental activism based on works by Emerson Munduruku, Carolina Caycedo, Margarita Rodriguez Weweli-Lukana and Juma Gitirana Tapuya Marruá, artists who in their poetics navigate through reflections related to socio-environmental struggles and find in water the central point for his poetics. As theoretical support, the article weaves dialogues between contemporary art, the environment and water as a "natural resource" from authors such as Porto-Gonçalves (2020) Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019), Nicholas Mirzoeff (2016) among others.*

Keywords: *contemporary art, living systems, environmental activism.*



## MOVENDO AS ÁGUAS

Há cinco anos, o rompimento da barragem de Fundão na cidade de Mariana Minas Gerais (MG), destruiu muitas vidas, inclusive o próprio Rio Doce. O crime é considerado o maior desastre ambiental da história do Brasil. No início de 2019, no município de Brumadinho (MG), aconteceu o segundo maior desastre: controlada pela Vale S.A., a barragem de rejeitos denominada barragem da Mina Córrego do Feijão, rompeu e ondas gigantes de rejeitos devastaram animais, vegetais e seres humanos, contaminando a região por inteiro.

Muito antes de chegarmos a essa crítica situação ambiental como a que estamos vivendo nos últimos anos - e catastrófica nos últimos meses -, os povos da floresta<sup>8</sup> sinalizaram e sinalizam expressivamente o ecocídio, o genocídio e o epistemicídio em curso, inaugurado com o início da colonização no território que conhecemos hoje por continente americano. Muitas lideranças indígenas e ativistas ambientais foram assassinadas ao longo dos tempos e não à toa, o Brasil é um dos países mais letais para defensores da terra e do meio ambiente. Em seu livro chamado *A Queda do Céu*, Davi Kopenawa Yanomami, xamã, escritor e uma das maiores lideranças vivas no Brasil, nos convoca a tomar ciência da luta yanomami em defesa da vida. Segundo Kopenawa (2015, p. 76):

Para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal entendam, e depois deles seus filhos, e mais tarde ainda os filhos de seus filhos. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e talvez até percam a vontade de nos destruir.

O pensamento colonial-mercantil tem tornado tudo o que se distancia da ideia de humano e humanidade (MIRZOEFF 2016 y PRECIADO 2014) como objeto e/ou mercadoria. À ótica cartesiana e mercantilista, os rios não passam de recursos naturais. Conversar com rios e cultivar relações de parentesco com eles é tido como algo supersticioso para o cânone hegemônico, ocidental. Em uma visão encantada do mundo, as plantas, os rios, os mares, as nascentes, todos possuem agência, produzem saberes e vitalidade. Para o filósofo italiano

Emanuelle Coccia (2018, p.51), algo semelhante acontece quando consideramos a agência dos seres:

O ar que respiramos não é uma realidade puramente geológica ou mineral - não está simplesmente ali, não é um efeito da Terra enquanto tal - mas sim o sopro de outros seres vivos. Ele é um subproduto da "vida dos outros". No sopro - o primeiro, o mais banal, o mais inconsciente ato de vida para uma imensa quantidade de organismos -, dependemos da vida dos outros. Mas, sobretudo, a vida de outrem e suas manifestações são a própria realidade, o corpo e a matéria daquilo que chamamos de meio. O sopro é, já, uma primeira forma de canibalismo: alimentamo-nos diariamente da excreção gasosa dos vegetais, só podemos viver da vida dos outros. Inversamente, todo ser vivo é em primeiro lugar o que torna possível a vida dos outros, produz vida transitiva capaz de circular por toda parte, de ser respirada por outrem. O ser vivo não se contenta em dar vida à porção restrita de matéria a que chamamos de seu corpo, mas também, e sobretudo, ao espaço que o rodeia. Aí está a imersão, o fato da vida ser sempre ambiente de si mesma e, por isso, de circular de corpo em corpo, de sujeito em sujeito, de lugar em lugar.

Se consideramos que o ar é um de partilha vital de seres por outros seres, conseguimos compreender a noção de agência das outras formas de vida. A antropóloga Els Lagrou (2007), em seu livro *A fluidez da forma*, se debruçou em um estudo complexo sobre a forma como as imagens produzidas pelos povos Kaxinawá estão situadas em um modo de viver-fazer que considera as camadas e contornos de seres não-humanos que são agentes de si. E então as imagens ganham agência, porque elas causam efeitos. Tão complexo quanto objetos ou imagens agentes, são os seres vivos como os leitões d'água. Dessa forma, gostaria de compartilhar aqui a noção de água enquanto ser-agente. Quando um rio é assassinado, acontece não só o ecocídio, mas também o epistemicídio: o manancial subjetivo-simbólico-espiritual de uma comunidade também é assassinado. Para as tradições<sup>[8]</sup> de culto a orixá, matar um rio é como assassinar as grandes mães, Yemoja e Osún. Como observado na cantiga que abre este texto, olhar e saudar as águas é olhar para a grande mãe, isto é, um ser com agência que mantém e produz e orienta saberes (SIMAS; RUFINO, 2015). Em um caminho parecido, o filósofo, poeta e artista gráfico Ailton Krenak (2019) conta que o Rio Doce é uma pessoa, um avô. Tem nome, tem agência. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak (2019, p. 21) diz,

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa) (...) Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul é transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra.

Os rios são as artérias do planeta e é preciso compreender que tanto a disputa pela privatização das águas quanto as suas contaminações compõem o organismo da necropolítica em curso. Artistas como Emerson Munduruku/Uýra Sodoma, Carolina Caycedo, Margarita Rodriguez Weweli-Lukana e Juma Gitirana Tapuya Marruá nos convoca estético-politicamente à reflexão das relações antropocêntricas e, portanto, nefastas; nos ancora no dissipar da dicotomia binária homem-humano/natureza quando mira o abismo criado pela ocidentalidade. Suas obras nos conduzem a auscultar as tantas feridas abertas e ao entendimento de que somos parte das manifestações do bioma em que estamos vivendo.

A arte e sua potência de criar novos regimes de percepção e sensibilidades torna-se importante para enfrentar e propor questões aos desafios contemporâneos. Portanto, este artigo pretende olhar para produções de artistas e escutar as encruzilhadas que tem conectado arte contemporânea, ativismo ambiental em poéticas direcionadas para a água, no sentido de transformar modos de vida frente a um futuro incerto e por vezes, catastrófico.

## **ESTADOS D'ÁGUA E AGÊNCIA DAS ÁGUAS**

Estamos em agosto de 2021 e parece que o céu já caiu, como nos alertou o xamã Davi Kopenawa Yanomami em seu livro *A Queda do Céu* (2015). Tudo no planeta Terra parece mais denso. Como juntar os cacos, reconhecer-nos em meio a tantos estilhaços? Como entrar em estado de floresta, que é sinônimo de vida e biodiversidade? A vida e a

morte são parte de um ciclo contínuo, um *ouroboros*<sup>1</sup>. A morte está contida na vida e em seu fluxo incessante. O contrário da vida não é morte, é o desencanto. Como dizem Simas e Rufino (2018, p.34):

Por mais que existam esforços para que a noção de realidade e as suas produções sejam mantidas a partir de uma perspectiva desencantada, ou seja, de uma compreensão que exclui a diversidade do mundo e as suas potências criativas, os conhecimentos assentes em outras lógicas/experiências nos chamam a atenção para outros caminhos. Esses caminhos, por sua vez, só são possíveis a partir da lógica de encantamento. Um saber encantado é aquele que não passa pela experiência da morte. A morte aqui é compreendida como o fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento.

O desencanto impede a vida de prosperar e está presente na gestão do fluxo vida-morte através dos assassinatos aos rios, animais, montanhas, de florestas inteiras, de pessoas, comunidades e suas formas diversas de existir, porque todas as energias vitais estão na mira da mercantilização à serviço do progresso capitalista; a política de escassez é uma de suas bases epistêmicas, assim como o antropocentrismo. O desencanto orienta práticas políticas de dominação e devastação da biodiversidade e de sistemas vivos, produzindo a objetificação do meio ambiente, da fauna, flora, dos rios, mares, montanhas, animais, enfim, todas as formas de vida existentes, limitando-as à recursos naturais para o progresso do humano.

Emerson Munduruku, artista, biólogo e pesquisadore<sup>2</sup> tem trazido à tona todas essas questões em seu trabalho artístico com a criação e existência de Uýra Sodoma, a árvore que anda. Suas performances e fotoperformances, textos escritos e transmitidos oralmente por entrevistas compõem um corpo de trabalho artístico-educativo interdisciplinar, ao cruzar performance, fotografia, audiovisual, educação e ativismo ambiental, mitologias amazônicas, pluridiversidade de formas de ser e estar no mundo, contemplando também a diversidade sexual e de posicionamentos de gênero. Uýra Sodoma viaja pelas comunidades amazônicas ribeirinhas ensinando sobre a fauna, a flora, a

---

<sup>1</sup> A Ouroboros ou Oroboros é uma criatura mitológica, uma serpente que engole a própria cauda formando um círculo e que simboliza o ciclo da vida, o infinito.

<sup>2</sup> Neste texto será utilizada a linguagem neutra de gênero de forma fluida com o intuito de abarcar a multiplicidade de gêneros existentes.

importância da valorização e da preservação da biodiversidade, dos territórios e dos ecossistemas. Em uma de suas postagens no instagram, Uýra aponta<sup>3</sup> precisamente que:

1. A ideia de "normalidade" não existe na natureza, mas sim Diversidade. Aceitar um "normal" é aceitar a morte de corpos e vivências não-padrões, ditos "sem prestígio" (LGBT's, negros, indígenas, mulheres). 2. A ideia de que "não somos natureza e somos donos dela" foi criada e é sustentada pela colonização e capitalismo. O resultado são as crises ecológicas, humanísticas e identitárias que vivemos hoje. 3. Também venho pautando a urgência de reencantamento do mundo a partir da imaginação e aproximação individual e coletiva como estratégias de sobrevivência e resistência.

É possível conectar o primeiro ponto e a ideia de normalidade citada por Uýra em sua postagem com a ideia de humano proposta pelo filósofo espanhol Paul B. Preciado em seu texto *O feminismo não é um humanismo* (2014), no qual o autor contribui com a perspectiva de que esse humanismo implica na invenção de um corpo humano (homem, branco, heterossexual, saudável, seminal, pleno de capital) em oposição a corpos não-humanos (tudo o que não se encaixa nesta descrição). Preciado (2014) pontua que as primeiras máquinas da revolução industrial foram máquinas humanas escravizadas (vistas, portanto, como não-humanas desde a visão humanista) para trabalhos na lavoura e na reprodução sexuada<sup>4</sup>. Portanto, ao passo que estamos discutindo o antropoceno enquanto era geológica em que o impacto sobre o sistema vivo Terra feito pelos humanos é desastroso e devastador, é necessário refletir sobre que humanidade é essa. Embora todes nós estejamos sentindo os impactos com maior ou menor intensidade, estaremos todes no mesmo barco?.

O termo Antropoceno foi cunhado pelo ecologista Eugene Stoermer e ganhou maior popularização através do químico Paul Crutzen. O termo é utilizado para caracterizar o contemporâneo e os efeitos devastadores da ação humana para aumentar o desequilíbrio do planeta passando desde a crise climática até a redução da biodiversidade e contaminação em todos os níveis. Ou seja, “o ser humano passou a ser, verdadeiramente, uma força antibiogeológica na existência da geobiosfera” e se ferramentas conceituais e perceptivas não

<sup>3</sup> <https://www.instagram.com/p/BhZRycLgiNo/> (acesso: 23/02/2021)

<sup>4</sup> Entenda-se aqui a reprodução sexuada como estupro, a partir das contribuições da filósofa italiana Silvia Federici. Em *Calibã e a bruxa* (2017), a autora explica como as mulheres foram confinadas às funções reprodutivas e trata especificamente as questões relativas ao cisheteropatriarcado cristão na dominação e castigo de corpos no território europeu, ao mesmo tempo em que há a expansão colonial no continente americano.

forem acionadas ou mesmo criadas, existe uma grande possibilidade de que “o mundo acabe sem que sejamos capazes de perceber o fato , ou seja, vivendo-o de forma inarticulada, através do caos e do terror”. (GUZZO, 2019, P.73)

Em seu trabalho artístico, Uýra Sodoma nos convoca estético e politicamente à refletir sobre relações antropocêntricas e, portanto, nefastas. Nos ancora no dissipar da dicotomia binária homem-humano/natureza quando mira o abismo criado pela ocidentalidade, pelo cisheteropatriarcado capitalista. Em um minidocumentário e entrevista<sup>5</sup>, a artista explana que o seu trabalho é questionar o que é natural, "tanto o que é natural de fato, que sempre esteve ao nosso lado, quanto o que é naturalizado e que tem nos matado". Suas obras nos conduzem a auscultar as tantas feridas abertas e ao entendimento de que somos parte das manifestações do bioma em que estamos vivendo. Somos células de um grande organismo vivo, que é o planeta como um todo, parte do universo e do infinito. Quem fabricou a dicotomia e essa noção de separação foi a supremacia branca, a mesma que fez da colonização um desastre ambiental<sup>6</sup> sem precedentes através do assassinato em massa dos sistemas vivos. Diversas comunidades desapareceram, assim como um sem número de espécies animais e vegetais também foram e seguem em aniquilamento. Em Ideias para adiar o fim do mundo, o filósofo e poeta Ailton Krenak, (2019, p. 21), nos diz:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa) [...] O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma. Faz um ano e meio que esse crime — que não pode ser chamado de acidente — atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou (...) Essa humanidade

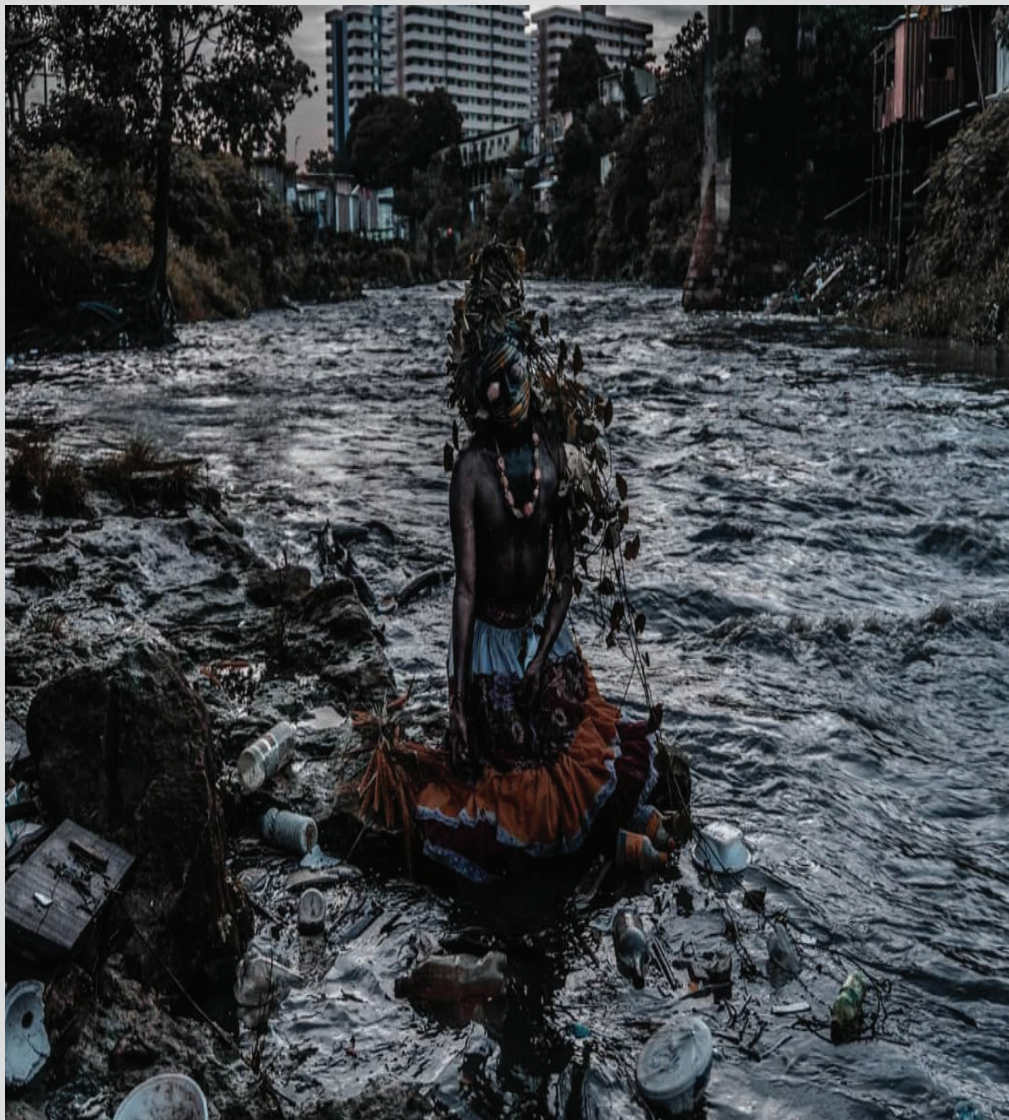
<sup>5</sup> O Documentário faz parte da série Brigada NINJA Amazônia. <https://youtu.be/3Anlteg88-Y>. Acesso em: 28/01/2021.

<sup>6</sup> Considerando a introdução da monocultura nos territórios colonizados, o desmatamento massivo das florestas, a transmissão de doenças e os assassinatos que mataram entre 90% a 95% das populações que já existiam aqui onde desde então tem se chamado de América Latina.



que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul é transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra.

Os rios são as artérias do planeta e é preciso compreender que tanto a disputa pela privatização das águas quanto as suas contaminações compõem o organismo da necropolítica em curso.



**Figura 1:** Série "Mil mortos". Uýra Sodoma. Fotoperformance, 2018.

Fotografia: Matheus Farias.

Fonte: <https://bit.ly/2BVCvp3> (acesso: 12/07/2020)



*Mil mortos* é uma das séries de fotoperformance em que Uýra realiza junto a um igarapé morto na comunidade Cachoeira Grande, São Jorge (Amazonas), onde funcionava na década de 1960, uma central de distribuição de água potável para a população. A série foi postada no Instagram em 2018, durante a semana em que se comemorou o Dia Mundial da Água. Parte do texto que acompanha a postagem de uma das fotos da série diz "TODOS OS MAIS DE MIL IGARAPÉS QUE CORTAM MANAUS ESTÃO POLUÍDOS ~ fantasma de Vida nos meios de cadáveres"<sup>7</sup>. No minidocumentário supracitado, escutamos a fala: "Esse igarapé tem muita memória, se pudesse falaria por si, falaria da forma como a gente conhece. A Uýra é uma mensageira do igarapé, uma mensageira dessa violência", diz Emerson Munduruku.

As fotoperformances de Uýra denunciam o desencanto presente na gestão dos mananciais hídricos de Manaus. A impossibilidade de acesso à água potável, nossa maior fonte vital junto com a luz do sol, retira qualquer autonomia e dignidade de existência de uma comunidade, assim como a vitalidade de todos os seres presentes neste sistema vivo. A quem interessa tornar a água imprópria para a produção/reprodução/manutenção da vida? O geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves (2020, p.77-79) apresenta significativos aportes para a compreensão das políticas hidrográficas ao colocar que a água, diferentemente de qualquer *commodity*, é insubstituível e ao alerta que a disputa pelo controle da gestão da água revela:

(...) parte da crise ambiental, revela, também, a crise da racionalidade instrumental hegemônica na ciência da sociedade moderno-colonial. Afinal, toda a geopolítica da dominação colonial e imperialista coevoluiu com uma geopolítica do conhecimento constituindo um sistema mundo de saber e de poder como nos alerta Aníbal Quijano (2001) [...] nos marcos do pensamento econômico hoje hegemônico, a água vem sendo pensada como um bem econômico mercantil a partir do conceito de escassez. Na medida em que algo é pensado (e instituído) como escasso, acredita-se, pode ser objeto de compra e venda, pode ser objeto de mercantilização, posto que ninguém compraria algo que é comum a todos por sua abundância, enfim como algo que está disponível enquanto riqueza para todos. Assim, o discurso da escassez prepara a privatização da água. Mais do que isso, a produz, pois como a própria palavra indica, privatizar é privar quem não é proprietário privado do acesso a um bem. Enfim, a privatização produz a escassez.

---

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/p/BgrNQYngnhc/>. Acesso em 23/02/2021.



**Figura 2:** Série Mil mortos. Uýra Sodoma. Fotoperformance, 2019.

Fotografia: Matheus Farias.

**Fonte:** <https://bit.ly/2BVCvp3> (acesso: 12/07/2020)

Uma obra que dialoga com as questões suscitadas pelas fotoperformances de Uyra Sodoma é o filme *Nakua pewerewerekae jawabelia / Hasta el fin del mundo / Até o fim do mundo*. O filme integra o projeto audiovisual *Unid@s contra la colonización: muchos ojos, un solo corazón* e foi realizado a partir do encontro de diferenças entre a *cabilda gobernadora* do Resguardo Indígena Sikuaní *El Mery-La Veradicta* Margarita Rodríguez Weweli-Lukana e a alieníndia Juma Gitirana Tapuya Marruá, oriundas das regiões que passaram, depois da Conquista, a se chamar, respectivamente, Colômbia e Brasil. Segundo a descrição que consta no youtube, "Este vídeo foi uma tentativa ritual de sanção das dores coloniais, dessas feridas abertas que nos doem a todos, human@s e não-human@s, naturezas de Abya Yala."

A nós, filhas dos povos originários da América Latina, a colonização sempre esteve desde o passado e segue sendo nosso presente. A colonização está na roupa que usamos, na comida envenenada, no ar tóxico que, na água que consumimos dos rios contaminados, no ódio que plantaram nos nossos corações, nas diferentes violações de mulheres. ReXistimos pois! Estamos no passado, presente e estaremos no futuro, até o fim do mundo, sustentando a terra e o pouco que nos resta mas que é muito: nossa resistência e persistência em manter nossas culturas, nossos muitos olhos com um só coração e um só pensamento de proteger nossas terras e territórios.<sup>8</sup>



**Figura 3:** Um dos cartazes do filme *Nakua pewerewerekae jawabelia / Hasta el fin del mundo / Até o fim do mundo*, 2018. **Fonte:** <https://bit.ly/2CsSLNY> (visto em: 12/07/2020)

Realizado através de câmera de celular, nenhuma imagem é aleatória: cada cena é articulada em sua costura audiovisual, produzindo sequências altamente simbólicas com detalhes minuciosos. O rio, por exemplo, é uma personagem ativa durante toda a obra. No início, o rio lava a cabeça de Margarita, a narradora. Ao final, conduz um remador e as artistas em um barco, momento em que elas carregam uma placa contendo a frase "*Hasta el fin del mundo*". Até o fim do mundo resistirão.

No filme, Margarita relata a forma brutal como a sua tia avó foi assassinada pelos colonizadores. A narração é acompanhada pela ação de pintar árvores com tinta vermelha que está na palma das mãos de Margarita e de Juma. Embora a ação seja simples, não deixa de ser densa: a história narrada e a performance se entrecruzam de tal forma que é

<sup>8</sup> texto extraído do site: <<http://panoramacultural.com.br/ate-o-fim-do-mundo-traz-os-sikuani-e-tapuia-ao-festcine-indigena/>> (acesso: 12/01/2021)

possível escutar e enxergar pelas frestas de palavras e gestos o assassinato da tia avó de Margarita.

Os rios são entidades vivas. É uma pessoa, um avô, um parente, como dito por Krenak (2019). Para os povos de terreiro, os rios são pontos de força e também representam fisicamente os orixás ligados ao culto das águas. Tendo em vista que os orixás são considerados ancestrais divinizados, os rios também são nossos parentes. Na verdade, os rios e as águas oceânicas são parentes comuns a todos os seres, se considerarmos que a maior parte de nossos corpos é composta por água. Para Porto-Gonçalves (2020), deveríamos nos compreendermos como partes do ciclo da água e inclusive como um de seus estados, ampliando a ideia de sólido, líquido, gasoso para estado-vivo. Assim, o ser vivo não se relaciona com a água: o ser é água.

Contudo, não são apenas os seres vivos que são água, mas praticamente tudo o que chega às nossas casas. Porto-Gonçalves (2020, p.76) propõe que a vida deve ser vista não apenas em sua dimensão biológica ao apontar que a enorme quantidade de água utilizada na mineração, na fabricação de objetos/mercadorias, na produção agrícola, deve ser considerada como água em outro estado de ser, que circula pelo mundo em forma de mercadorias tangíveis, atentando-nos para o fato de que as mercadorias necessitam de quantidades inimagináveis de água para a sua produção e distribuição. Por exemplo: um único quilo de arroz demanda 4.500 litros de água, 1 quilo de frango consome 2.000 litros. Segundo o autor,

O próprio minério de ferro exportado de Minas Gerais utiliza água para seu beneficiamento – gerando quantidades imensas de rejeitos e provocando desastres como os da Samarco em Mariana e da Vale em Brumadinho – e para o transporte até os portos através dos minerodutos.

Nesse sentido, o autor diz que a exportação das mercadorias para outras regiões/países também configura em exportação de energia e água. Além disso, os países ricos em capital transferem para os países ricos em água múltiplas atividades altamente consumidoras e parasitárias, como o agronegócio, a pecuária e as indústrias de papel, celulose e alumínio. O geógrafo aponta que a desordem global ecológica está associada ao deslocamento total entre "o local de extração, de transformação e produção da matéria e do

lugar de consumo com a revolução (nas relações sociais e de poder por meio da tecnologia) industrial." (GONÇALVES, 2020, p. 81)

Os rejeitos da exploração mineral e suas consequências nefastas são deixadas nos locais onde as pessoas e a vida como um todo valem menos na perspectiva capitalista, enquanto os produtos são levados limpos para os lugares e para a população mais favorecida em capital financeiro. Os custos dos rejeitos não estão inclusos nem nos produtos e muito menos no manejo de cuidado com essas tantas vidas que são assassinadas; essa visão mercadológica está assentada na necropolítica e é preciso compreender os diagramas de poder que organizam as possibilidades de vidas matáveis, como propõe o filósofo e historiador camaronês Achile Mbembe em seu livro *Necropolítica* (2018). Para Mbembe, “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Portanto, faz-se necessário e urgente compreender alguns dos diagramas do hidronegócio para mirar o desequilíbrio hidrológico impulsionado pela lógica de mercado generalizada do capitalismo.

Nos últimos 10 anos, a artista anglo-colombiana Carolina Caycedo tem trabalhado em aliança com as comunidades ribeirinhas afetadas pelo hidronegócio e junto às lutas populares em defesa dos rios. Ao alinhar arte, ativismo e justiça ambiental, Caycedo cria obras e performances que apontam a privatização das águas, a destruição de rios, comunidades, ecossistemas. Em uma entrevista, a artista diz:

Sempre me apresentei como artista visual nas diferentes comunidades que me receberam. Sempre deixo claro que estou lá para ajudar na construção e desconstrução das imagens que são produzidas por suas agendas políticas, agendas que naquele momento passam a ser minhas. Para mim, a luta por água, terra e vida é um compromisso de longo prazo que anima minha prática e me obriga a evitar o “extrativismo” artístico ou acadêmico. A ideia também é entender o que posso oferecer ao trabalho de justiça ambiental por meio da minha arte, e como posso recuperar espaços dentro do circuito da arte para questionar o modelo capitalista de mineração de energia e defender uma transição energética justa. (2018)<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> <https://terremoto.mx/en/revista/nunca-fuimos-modernas/> (acesso: 22/01/2021)





**Figura 4:** Águas para a vida. Geocoreografias. Carolina Caycedo. Incerteza Viva .

**Fonte:** 34ª Bienal de Artes de São Paulo. 2016.

Desde 2012, Caycedo desenvolve a pesquisa *Be Damned*, composta por uma série de fotografias, performances e geocoreografias. Em inglês, o jogo de palavras contido no título traz mais uma camada de significado ao trabalho: a palavra *dam* significa represa e *damn*

significa maldição. Como escreve o antropólogo, jornalista e curador Fábio Zuker (2016, p.116) no catálogo da 32ª Bienal de São Paulo:

Esse projeto compreende pesquisas de campo, encontros com a população ribeirinha, coleta de objetos e pesquisas em arquivos, levantamento de dados, mapas e filmagens que exploram os impactos causados pela economia extrativista e pela privatização das águas. Como empreendimentos de infraestrutura, as barragens e as hidrelétricas surgem como uma promessa de progresso e de geração de recursos energéticos que submergem culturas e tradições, gerando um contingente de desabrigados, muitos dos quais têm os rios como parte estruturante de suas cosmologias.



**Figura 5: ONE BODY OF WATER. Performance. Bowtie Project. Carolina Caycedo. Los Angeles. June 13th, 2015.**

**Fonte:** <https://clockshop.org/project/bowtie-aa/one-body-of-water/>. Acesso em 20/02/2021.

Na perspectiva proposta por Uýra Sodoma/Emerson Munduruku, "o papel da arte é comunicar e catalisar as mensagens que o meio ambiente e os espíritos trazem"<sup>10</sup>, situando as/os artistas como médiuns dos sistemas vivos e de diversas camadas de existência (desde a mais material até a mais etérea), a fim de criar/ativar proposições/experiências estético-

<sup>10</sup> Essa fala de Munduruku está presente no minidocumentário <https://youtu.be/3Anlteg88-Y> (visto em: 28/01/2021). Acesso em 28/01/2021.

políticas-espirituais. Sobre isso, a artista peruana shipibo Chonon Bensho navega em uma direção parecida quando em uma entrevista (2021) nos diz:

Parece ser que los cambios climáticos están generando un desborde del Amazonas, pero no solo de sus aguas, sino también de la energía de su gente, que ha guardado saberes tan antiguos, sobrevivientes de una naturaleza inclemente, injusticias perpetuas y genocidios, y que ahora llegan a las ciudades a través del arte, que es también la voz de los dioses y seres mitológicos, que se manifiestan para proponernos un encuentro con nuestra esencia humana, indígena, espiritual<sup>11</sup>.

Em ressonância com as miradas de Uýra Sodoma e de Chonon Bensho, Carolina Caycedo realiza *One Body of Water*, desenvolvida em resposta ao *Bowtie Parcel*<sup>12</sup>. Esta ação entrelaça as histórias de três rios contestados das Américas: os rios Magdalena (Colômbia), Yaqui (México) e Elwha (Washington, EUA). Em diálogo com as tradições orais indígenas, Caycedo e seus colaboradores personificam a voz dos rios ao redor de uma fogueira, convidando-nos a mudar a forma como pensamos sobre a natureza e como interagimos com corpos não-humanos. Em outros trabalhos artísticos, Caycedo realiza as chamadas geocoreografias, nome dado pela artista para as ações em que o corpo humano é utilizado como ferramenta política, expandindo-o de modo a compreender a geografia e o território como sendo partes dele. É interessante porque o conceito elaborado pela a artista nos faz refletir que os nossos corpos humanos não estão apartados do pensamento sobre o chão em que estamos habitando, ou seja, o território.

## MANANCAIS E SONHOS

Ainda que o céu esteja caindo/caído, tem uma constelação vivaz de seres resistindo às crises e aos efeitos destas. Krenak propõe que o seguremos suavemente, como quem pratica *tai-chi-chuan*. O objetivo de Davi Kopenawa (2015) ao escrever *A queda do céu* é que

---

<sup>11</sup> <https://terremoto.mx/revista/amazonismo-el-arte-de-los-espiritus/> (acesso: 02/02/2021).

<sup>12</sup> Bowtie Parcel, localizado dentro do Parque Estadual do Rio de Los Angeles, faz parte do sistema de parques estaduais desde 2003, mas não está disponível ao público há mais de uma década. Existe um sonho compartilhado em Los Angeles de transformar esse espaço abandonado em um espaço vibrante, usado e amado pela comunidade local. No entanto, o sonho por este espaço começou a tomar forma com a ajuda de um grupo colaborativo trabalhando em conjunto para trazer uma nova vida a este esquecido pedaço de terra. O Projeto *Bowtie* é uma colaboração entre *Clockshop*, o Departamento de Parques e Recreação da Califórnia, artistas locais e a comunidade para a revitalização de *Bowtie Parcel*. Está reunindo artistas locais, organizando eventos comunitários e revitalizando esta área do parque.

sua mensagem chegue tão longe da floresta quanto possível, a fim de que não-indígenas acordem do sono colonial: a destruição que está em curso no coração da floresta destruirá a todos nós. Debruçar-se sobre um livro produzido por uma liderança indígena, (sobre) vivente no coração da Amazônia, é voltar a atenção para pensar epistemologias, práticas e subjetividades que estão localizadas no cuidado do meio ambiente como cuidado de si, da comunidade e do planeta.

É urgente que instituições produtoras de conhecimento se comprometam cada vez mais com os conhecimentos e saberes dos povos da floresta e os fomentem em espaços estratégicos de poder. Assim, no campo da História da Arte e das Artes Visuais, faz-se necessário produzir e reconhecer as resistências produzidas como campos plurais e biodiversos<sup>13</sup> para a disputa por narrativas, imaginários, espaços e que pode se materializar em termos estéticos, teóricos, poéticos, discursivos, subjetivos, criativos e vitais. A globalização necrocapitalista evidentemente nos propõe o descolamento da terra, das águas e uma abstração civilizatória que vem demonstrando sua falência década após década. Como diz Krenak (2019, p. 12):

Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo. [...] O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.

A resistência por parte dos seres vem acontecendo há centenas de anos, desde a colonização de Abya Yala. O agravamento da crise civilizatória ficou escancarado com a pandemia do Sars-Cov-2 que tem contaminado e matado milhares de pessoas ao redor do planeta e mudou drasticamente as dinâmicas de nossas vidas nos últimos meses. Davi Kopenawa Yanomami (2015, p.370) nos trouxe o alerta vermelho há alguns anos. A quem quis ouvir, o xamã apontou: os brancos têm pensamentos de fumaça, "só prestam atenção no seu próprio discurso e nunca se dão conta de que é a mesma fumaça de epidemia que envenena e devora suas próprias crianças."

---

<sup>13</sup> Usamos o um termo da biologia nas artes para trazer a compreensão da diversidade de vidas em oposição à necropolítica.

Apesar das destruições, das fumaças, das inundações, da doença e de toda a política de escassez propagada pelos meios hegemônicos, há muita gente conectada com a dimensão da vida e de seu encantamento, pois, como diz Simas e Rufino (2018, p.99), "tudo o que está no mundo está passível de encantamento". Enquanto houver encantamento, há energia vital, há criatividade, há diversidade. A física e filósofa indiana Vandana Shiva (2003, p. 15), na crítica às monoculturas nos diz:

As monoculturas ocupam primeiro a mente e depois são transferidas para o solo. As monoculturas mentais geram modelos de produção que destroem a diversidade e legitimam a destruição como progresso, crescimento e melhoria. [...] A expansão das monoculturas tem mais a ver com política e poder do que com sistemas de enriquecimento e melhoria da produção biológica. Isso se aplica tanto à Revolução Verde quanto à revolução genética ou às novas biotecnologias.

A monocultura mental é irmã gêmea dos epistemicídios e da mentalidade econômico-mercantil. É possível identificar as monoculturas tanto nas paisagens tomadas pelo agronegócio como também nos discursos de ódio, que organizam explicitamente as 'vidas matáveis'. O encantamento é um estado de ser, um fluxo que se encontra com as agroecologias a partir do princípio de que só é possível existir em diversidade, no contrafluxo da monocultura, que empobrece os solos, contamina as águas e torna os ambientes suscetível às pragas, de forma literal e simbólica. O estado de floresta que mencionei no início do artigo tem a ver com a percepção de que cada ser desta Terra está interconectado e faz parte da grande composição da vida aqui. Como questiona Audre Lorde (2020, p.107) em *A poesia faz alguma coisa acontecer* é possível questionar:

Quantas de nós sentimos que essas tragédias são nossas? Também estamos envolvidas com elas de forma íntima e vital. Quantas de nós reconhecemos que elas tornarão a acontecer até agirmos, até usarmos nosso poder contra esses horrores, quem quer que sejamos e onde quer que estejamos? Não existe sobrevivência separada.

Por isso, enquanto em meio a estilhaços e ruínas, é necessário que sigamos navegando em alianças, compreendendo as dinâmicas possíveis de encontros nas diferenças, nos juntando como águas para seguir nessa travessia. É preciso que olhemos para o passado para que possamos fabular futuros. É necessário que continuemos habitando os sonhos. Tudo só foi inventado por um dia ter sido sonhado.



## REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuelle. **A Vida das Plantas: Uma metafísica da mistura.** (Florianópolis): Cultura e Barbárie, 2018.

LAGROU, ELS. **Fluidez da Forma. Arte, Alteridade e Agencia em uma Sociedade Amazônica.** Rio de Janeiro, TopBooks, 2007.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa : mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo : Elefante, 2017.

GUZZO, Marina; TADDEI, Renzo. Experiência Estética e Antropoceno: Políticas do comum para os fins do mundo. In **Revista Desigualdades & Diversidades.** n . 1 7 . 2 0 1 9 . 2 . p p . 7 2 - 8 8.

LORDE, Audre. A poesia faz alguma coisa acontecer. In **Sou sua irmã: escritos reunidos.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.  
MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.  
MIRZOEFF, Nicholas. **Não é o Antropoceno, é a cena da supremacia branca ou a linha divisória geológica da cor.** Tradução de Rita Natálio. Buala. 2016.  
Disponível em: <[https://desarquivo.org/sites/default/files/nicholas\\_antropoceno\\_2.pdf](https://desarquivo.org/sites/default/files/nicholas_antropoceno_2.pdf)> (Acesso: 07/01/2021)

*Nakua pewerewerekae jawabelia / Hasta el fin del mundo / Até o fim do mundo.* Direção: Juma Gitirana Tapuya Marruá e Margarita Rodriguez Weweli-Lukana. 2018. (15 min) color. <https://youtu.be/msVn2HggOZU> (Acesso: 07/07/2021).

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Água enquanto Disputa Epistêmica e Política Para Além dos Três Estados da Água. In **La lucha por los comunes y las alternativas al desarrollo frente al extractivismo.** Org: Denisse Roca-Servat y Jenni Perdomo-Sánchez. CLACSO. 2020. Argentina.

PRECIADO, Paul B. **O feminismo não é um humanismo.** Tradução de Charles Feitosa. 2014. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>> (Acesso: 07/01/2021).

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da Mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas.** Rio de Janeiro : Mórula, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.  
KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZUKER, Fábio. Carolina Caycedo. In VOLZA, Jochen; REBOUÇAS, Júlia Rebouças ( Orgs) **.32a Bienal de São Paulo. Incerteza Viva**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.